

TRADUÇÃO

O PROJETO TRANSCENDENTAL EM MERLEAU-PONTY E DELEUZE *

ALEX DE CAMPOS MOURA**

TRADUÇÃO DE GUSTAVO RUIZ DA SILVA***

I INTRODUÇÃO: A QUESTÃO

O livro de Judith Wambacq, *Thinking between Deleuze and Merleau-Ponty*¹, propõe uma leitura altamente original de dois autores centrais do século XX, que lança uma nova luz sobre seus *insights* mais importantes.

Segundo a própria Wambacq, ela está reagindo a um consenso que se estabelece sobre a relação entre os dois pensadores, um consenso que vê suas respectivas obras como estranhas ou opostas. Essa leitura do relacionamento deles foi defendida não apenas por Foucault, mas também pelo próprio Deleuze, em seus poucos e principalmente negativos comentários sobre Merleau-Ponty. Como Wambacq mostra, Deleuze não parece reconhecer nem na fenomenologia em geral nem na obra de Merleau-Ponty em particular as principais fontes de seu pensamento.

Contra essa interpretação, Wambacq propõe explicitamente encontrar um argumento filosófico que legitime a aproximação. Ela não está, portanto, interessada em reconstruir a história comum de sua recepção ou talvez em descobrir uma conexão biográfica até então ignorada; pelo contrário, o que ela busca é explicitar uma conexão conceitual entre dois pensadores que os críticos – incluindo o próprio Deleuze – se acostumaram a ver como radicalmente estranhos. Essa é a motivação central deste livro, que também é central na avaliação da relevância de suas implicações.

Para concretizar este projeto, Wambacq propõe um quadro preciso, que ela própria descreve como “metafisicamente” dobrado, e que retoma uma questão filosófica clássica, a saber, a questão da relação entre ser e pensamento. Ela investiga a forma como os dois pensadores entendem essa questão, fornecendo assim o terreno para sua tentativa de reaproximação.

Na verdade, à medida que o livro avança, essa questão se torna cada vez mais precisa, e a maneira como Wambacq enquadra e focaliza sua discussão, notável por sua clareza, é um dos principais pontos fortes do livro. O debate sobre o *status* do pensamento é revelado como uma discussão sobre o projeto transcendental por trás do trabalho de cada pensador, destacando sua relação intrínseca entre este projeto e o que Wambacq descreve como uma “filosofia da imanência”. Essa filosofia da imanência é, segundo ela, uma dimensão central do pensamento de ambos os filósofos, que traz para o primeiro plano a necessidade de compreender a articulação entre o transcendental e a imanência.

Wambacq, portanto, centra sua comparação na ideia de que Deleuze e Merleau-Ponty reconheceram uma imanência entre a condição e o condicionado, que encontra seu “lugar” privilegiado nas noções de expressão e simultaneidade. Essa é a tese central defendida por este

* N.T.: CAMPOS, Alex. Judith Wambacq: *Thinking between Deleuze and Merleau-Ponty*. *Phenomenological Reviews*, 30 mai 2020. Disponível em: <https://reviews.ophen.org/2020/05/31/judith-wambacq-thinking-between-deleuze-and-merleau-ponty/?lang=fr>. Acessado em: 22 nov. 2021.

A tradução em questão conta com a autorização do autor para ser republicada em língua portuguesa.

** Possui graduação em filosofia pela Universidade de São Paulo (2004), mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2006), doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2011) e pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2014). Atualmente é Professor Doutor da Universidade de São Paulo.

*** Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Departamento de Filosofia da PUC-SP.

1 Título da obra: *Thinking between Deleuze and Merleau-Ponty*. Série: Series in Continental Thought, Nº 51. Autora: Judith Wambacq. Editora: Ohio University Press Swallow Press. Data de lançamento: 2018. Formato: Capa dura. Páginas: 296.

livro, uma contribuição original e inusitada quando considerada no contexto da maioria dos estudos dedicados ao tema. Vamos então examinar a maneira como Wamback organiza seu livro.

II O CAMINHO

Para concretizar sua proposta, Wamback delinea cinco etapas principais, estabelecendo assim um método de trabalho que é seguido ao longo do livro e que estrutura o percurso geral da investigação. Em primeiro lugar, uma descrição do conceito destacado à medida que é formulado por cada um dos autores. Em segundo lugar, uma discussão sobre a relação entre os dois tópicos ou conceitos. Terceiro, uma descrição do modo como essa articulação ilumina cada um deles e, a partir disso, as respectivas reflexões em que se encontram. Em quarto lugar, uma tentativa de encontrar um “equilíbrio” ou “balanço” entre a singularidade de cada obra e sua possível abertura por meio dessa articulação. Quinto, a configuração de uma nova imagem da história da filosofia à qual essas filosofias pertencem.

Na verdade, o quinto item é o horizonte mais amplo que enquadra a discussão de Wamback (2018, p. 5). Ela não está interessada em criar um fio narrativo comum que englobe o trabalho de ambos os filósofos – na verdade, esse fio comum pode nem mesmo existir. Em vez disso, ao fazer justiça à forma como cada autor se relaciona com outros pensadores, ela pretende “ancorar” as “ressonâncias em sua obra à história da filosofia”, formulando assim uma “imagem alternativa das alianças filosóficas na academia francesa ao longo dos últimos dois séculos” (2018, p. 5)². Aqui se revela a faceta mais ambiciosa do projeto, a saber, ir além de um livro dirigido a um público especializado, reconstituindo contextos ou horizontes afins, tornando explícita a forma como a filosofia é construída como uma série de respostas às grandes questões colocadas por outros filósofos (2018, p. 5). Isso implica o reconhecimento de uma dimensão histórica que não é exclusivamente factual – se pensar assim fosse possível –, intrínseca a um debate filosófico específico, talvez (em um primeiro momento) até de forma latente, mas que ainda assim seria afirmado em cada um deles. Como escreveu Merleau-Ponty nos anos 50, esta seria uma espécie de história subterrânea ou indireta, uma história que se expressa nos fatos sem ser redutível a eles e sem se separar deles.

Nesse sentido, segundo Wamback, a questão do pensamento e do ser, que é tão antiga quanto as nossas mais antigas fontes do pensamento do Ocidente, se revela como um eixo privilegiado de problematização, permitindo-lhe traçar o modo como Merleau-Ponty e Deleuze perseguem esse problema clássico em suas respectivas reflexões filosóficas a partir de sua rede de referências e referenciais teóricos. Ela é, portanto, capaz de desvelar debates mais profundos e amplos do que aqueles que se colheriam em uma primeira leitura, ou mesmo numa leitura que dê mais atenção às escolas e negligencie a historicidade “secreta” que as anima. Este é sem dúvida um dos aspectos mais interessantes do trabalho de Wamback.

O livro está organizado em torno de cinco núcleos principais. Descreverei primeiro esses núcleos de uma maneira geral e, em seguida, oferecerei uma análise mais detalhada de cada um deles, seguindo a maneira como Wamback constrói seu argumento.

O texto está dividido em sete capítulos, cada um dos quais dividido em tópicos. Todos esses capítulos seguem uma metodologia geral: primeiro Wamback apresenta a posição de um dos filósofos sendo analisados, depois a posição do outro e, finalmente, os compara. Essa opção metodológica contribui muito para a clareza do texto e para a força de sua argumentação.

O primeiro e o segundo capítulos focam, segundo a própria Wamback, numa discussão mais direta entre os dois autores. A ideia não é colocar um contra o outro, mas discutir a forma como cada um deles aborda questões semelhantes em uma espécie de confronto textual, mais intimamente ligado à análise de obras e textos específicos.

O primeiro capítulo é dedicado ao tema do pensamento, focando no que Wamback descreve como “pensamento original”, buscando formular quais são, para cada autor, sua natureza e condições. O eixo principal do capítulo é o argumento de que ambos os autores pensam essa noção como uma forma de se distanciarem do modelo de representação e de suas implicações. Este movimento exige

2 N.T.: Originais: “anchor”; “resonances in their work to the history of philosophy”; “alternative image of the philosophical alliances in French academia over the last two centuries”.

uma análise das dimensões objetivas e subjetivas que constituem este “pensamento original”, o que nos remete ao problema da ontologia aí implícita. Essa questão é abordada no segundo capítulo, que busca compreender em que sentido a maneira como os dois autores formulam a questão sobre o estatuto do pensamento – e sua distância do modelo de representação – se fundamenta em uma compreensão do ser. Em particular, Wamback mostra como essa ontologia reconhece o ser como unitário, mesmo que admita – na verdade, exige – diferença e indeterminação.

O terceiro capítulo foca no que Wamback considera uma espécie de “projeto” epistemológico, ontológico ou mesmo “decisório” presente nas filosofias de Merleau-Ponty e Deleuze, discutindo até que ponto seus caminhos (delineados pelos dois primeiros capítulos) estão ligados a uma compreensão do sentido do trabalho filosófico, especialmente no enquadramento de seu próprio campo de investigação – que está conectado ao que Wamback descreve como o “empírico”. Ela seguirá aqui o modo como Merleau-Ponty e Deleuze absorvem o muito debatido “empirismo transcendental”, traçando suas divergências de Husserl e Kant. Essa absorção é, para Wamback, um dos principais pontos de proximidade entre os dois, ponto ao qual voltarei a seguir.

Essa investigação é levada um passo adiante por sua incursão na relação entre a condição e o condicionado, exame que será realizado no quarto capítulo, com referência a Bergson. Como é bem sabido, a relação entre Deleuze e Bergson é muito mais explícita do que a relação entre Merleau-Ponty e Bergson. No entanto, cada vez mais estudiosos recentes vêm destacando essa última relação, e o trabalho de Wamback faz parte dessa tendência recente na academia, que apresenta um horizonte amplo e ainda inexplorado. Em particular, a referência de Wamback a Bergson aparece como um elemento central – tanto para Merleau-Ponty quanto para Deleuze – na compreensão da relação entre a condição e o condicionado, especialmente em conexão com a noção de “simultaneidade”.

Os capítulos cinco e seis focam, então, nessa relação, particularmente em sua conexão com a questão da “expressão”, central tanto para Merleau-Ponty quanto para Deleuze, e que se organiza precisamente em torno da articulação entre o “fundo” e o fundado. Para entender essa questão, o quinto capítulo é dedicado à descrição de sua conexão com a experiência literária – examinando a referência a Proust, que é comum a ambos e que é de inegável relevância –; e o sexto capítulo é dedicado à sua conexão com o visual dimensão – examinando a referência também comum e muito importante a Cézanne.

O sétimo capítulo também recorre a um denominador comum, mas agora aborda a discussão de um ângulo diferente. Segundo Wamback, os capítulos anteriores tiveram como objetivo mostrar, de maneiras diferentes, a proximidade entre os dois filósofos, explorando como seu horizonte comum se estrutura pela afirmação de uma unidade entre a condição e o condicionado, uma inseparabilidade do fundamento e o fundamento – uma lógica que é particularmente notável na noção de expressão. O último capítulo, então, tenta lançar uma nova luz sobre essa lógica, destacando a maneira como uma dinâmica diferencial opera dentro dessa lógica. O denominador comum mencionado acima é Saussure.

Wamback usa essa referência a Saussure para explicar como uma “imanência sólida requer uma teoria diferencial de como a condição gera o condicionado (que, não obstante, o determina)” (2018, p. 7)³. Ela mostra como essa dinâmica diferencial se encontra em ambos os autores, principalmente na forma como cada um deles se apropria do pensamento de Saussure, e como sua lógica constitutiva é marcada por uma tensão entre a condição e o condicionado.

Por fim, a conclusão busca discutir as ressonâncias e as divergências entre os dois filósofos, posicionando se é possível estabelecer um horizonte comum para eles, ou se a distância entre eles é tão grande que não haveria diálogo efetivo ou convergência.

Isso encerra a apresentação geral do livro. Antes de continuar, cabe destacar uma importante opção metodológica defendida por Wamback, responsável pela estreita circunscrição de seu projeto. É a opção de não analisar a relação entre os dois autores em termos da noção de percepção. Segundo ela, a forma como cada filósofo situa essa noção é extremamente diferente. No caso de Merleau-Ponty, a descrição da percepção é feita em um horizonte ontológico ou “epistemológico”, enquanto

3 N.T.: Original: “Solid immanence requires a differential theory of how the condition generates the conditioned (which nevertheless determines it)”

Deleuze a pensaria como ligada a uma discussão ética, concebida segundo relações de intensidade de força. Essa observação também é útil para entender a segunda escolha metodológica de Wamback, que está conectada à sua primeira: os trabalhos nos quais ela se concentra. No caso de Merleau-Ponty, Wamback se concentra principalmente no *Le Visible et l'Invisible*, uma vez que – de acordo com uma leitura difundida – sua ontologia seria a mais desenvolvida naquele ponto de sua carreira. Isso justificaria relegar a *Phénoménologie de la perception* para segundo plano, uma vez que este trabalho é considerado por essa linha de interpretação como “propedêutico” para a ontologia de seu último trabalho.

Com esse contraponto como horizonte, é possível destacar a relevância e a originalidade do enquadramento proposto por Wamback, especialmente sua opção de discutir os dois autores do ponto de vista de sua compreensão do estatuto do pensamento. Esse ponto de vista é o ponto de partida de sua proposta de aproximação e de suas discussões, apresentando uma abordagem inusitada quando considerada contra o pano de fundo dos estudos mais comuns sobre essa relação. Além disso, como discutirei na próxima seção, esse ponto de vista culmina em uma discussão sobre o sentido que o “projeto transcendental” assume em cada filósofo. Wamback apoia o seu argumento sobretudo no reconhecimento da “imanência” como uma dimensão irresistível, tornando a articulação entre a condição e o condicionado, entre o fundamento e o fundado, um elemento central nas formulações de cada autor. Vejamos, portanto, com mais detalhes como ela constrói sua análise.

III O LIVRO

Wamback baseia sua leitura na ideia de que há, desde o início, algo em comum a Deleuze e Merleau-Ponty: não só o fato de ambos refletirem sobre o tema do pensamento, mas também o fato de distinguirem dois tipos de pensamento. Por um lado, um pensamento propriamente original e, por outro, um pensamento sem originalidade nem expressividade. O segundo tipo de pensamento é apenas uma aplicação de determinados conceitos, enquanto o primeiro tipo – que é o tipo que realmente intriga os dois filósofos – é uma espécie de dinâmica “criativa”. Recordando a distinção feita por Merleau-Ponty entre “fala falante” e “fala falada”, bem como a distinção entre “pensamento” e “conhecimento” descrita por Deleuze, Wamback propõe um quadro peculiar, extremamente revelador de sua leitura: a distinção entre um “pensamento pensante” e um pensamento expressivo⁴. “Pensamento pensante” é o tipo de pensamento central para ambos os autores e que é o ponto de partida da investigação de Wamback, exigindo uma compreensão da forma como cada autor o concebe. A primeira evidência destacada por Wamback é a forma como, em ambos, essa noção se configura como uma recusa à concepção moderna de “representação”.

Começando com a reflexão de Merleau-Ponty, Wamback apela para algumas das noções centrais da *Phénoménologie de la perception* para circunscrever sua noção de pensamento. Em seguida, ela examina brevemente a forma como Merleau-Ponty entende o sentido da percepção, com ênfase especial em sua crítica às teorias intelectualista e empirista e em sua noção de “campo”, mostrando como a dinâmica perceptual está alicerçada no “entrelaçamento original do corpo e mundo” (2018, p. 18)⁵. A partir daí, questiona-se se sua noção de pensamento está alicerçada na mesma articulação, estando sempre em relação a algo. Para prosseguir com essa questão, Wamback examina as noções de *cogito* – especialmente sua dimensão negativa –, de pensamento geométrico e de expressão linguística.

Nesse ponto de sua análise, Wamback introduz a noção de *Fundierung*, proposta na *Phénoménologie de la perception* como uma “relação de mão dupla”, uma alternativa à compreensão clássica do fundo e do enraizado como elementos fragmentados, uma vez que agora estão definidos como dimensões relacionais na determinação recíproca. Embora esta seja uma noção central na obra de Merleau-Ponty, Wamback a usa aqui apenas para pensar a relação entre “pensamento” e “linguagem”. Ela defende que, apesar de todas as suas implicações, ainda há nessa noção uma assimetria: o expresso ainda tem “prioridade ontológica” (2018, p. 35)⁶, preservando uma diferença

4 N.T.: Termos originais utilizados: “Speaking speech”; “spoken speech”; “thinking thought” e “Expressive thought”.

5 N.T.: Original: “original intertwining of body and world”.

6 N.T.: Original: “ontological priority”.

entre os termos. Em sua leitura, essa assimetria só seria dissolvida posteriormente, com a introdução de Merleau-Ponty da noção de “instituição”. No entanto, Wamback destaca que a relação *Fundierung* já continha uma ideia central, a saber, o “excesso” como indicação da “imanência do fundo que se transcende na expressão” (2018, p. 26)⁷. Sua conclusão é que, para Merleau-Ponty, o pensamento não é uma “atividade mediadora”, mas sim “familiarizada com o mundo”, “tem contato direto” com ele e é “em certo sentido moldado por ele” (2018, p. 30)⁸.

Wamback mostra que algo semelhante ocorre no pensamento de Deleuze. Desde o início, Deleuze se propõe a compreender o pensamento confrontando o signo, recusando a ideia de uma inclinação natural para a verdade, e reconhecendo-o como sempre caracterizado pela “singularidade do encontro”, em que os signos aparecem como “enigmas” (2018, p. 31)⁹. Aqui, mais do que em Merleau-Ponty, o destaque recai sobre o caráter diferencial do signo e do sentido. Wamback mostra como essas noções são pensadas para se afastar dos pressupostos mais característicos do pensamento representacional: por um lado, a ideia de identidade e unidade, e, por outro lado, as noções de natureza e afinidade com a verdade. Deleuze reconhece, sob os oito postulados do pensamento representacional, uma “confusão de características empíricas e transcendentais” (2018, p. 47)¹⁰ que obscurece o sentido adequado do pensamento.

Wamback propõe que, nessa perspectiva, Merleau-Ponty e Deleuze são extremamente próximos, encontrando-se nesse movimento que ela descreve como um “exame transcendental do pensamento” (2018, p. 49), uma discussão sobre suas condições e sobre a capacidade humana de pensar. Uma consequência dessa proximidade é que ambos os autores reconhecem que o objeto de pensamento é caracterizado por uma “certa exterioridade” (2018, p. 50). Isso significa que ambos os autores reconhecem – e a estimam – a dimensão “fundada” do pensamento, dando foco na descrição da relação entre o fundamento e o fundado como intrínseca ou imanente (2018, p. 51). É justamente essa relação intrínseca ou imanente que garante sua gênese criativa: “Em suma, para ambos os autores, a natureza criativa do pensamento se deve ao papel necessário do pensamento na relação de fundamento” (2018, p. 51)¹¹.

Depois de examinar essas condições para a investigação do pensamento em cada autor – e a presença de uma certa imanência inegável –, Wamback se concentra em descrever suas respectivas ontologias. Como mencionado acima, ela sustenta que a maneira como eles entendem o pensamento, particularmente sua concepção de pensamento como sustentado por esse entrelaçamento de imanência e transcendência, exige uma descrição do fundamento ontológico aí implícito.

No caso de Merleau-Ponty, conforme descrito na *Introdução*, Wamback concentra-se na ontologia de seus últimos textos, notadamente *Le Visible et l’Invisible*. Ela enfatiza lá o caráter diferencial central em sua formulação, principalmente por meio de sua noção de carne – descrita por ele em seu caráter originalmente dissonante e, simultaneamente, unitário (2018, p. 58), do qual Wamback separa a noção de “estilo” ou “tipicidade” (2018, p. 59). Ela insiste que não se trata de uma questão de identidade, mas de uma unidade diferencial, que está ligada às noções de abertura e constituição.

No caso de Deleuze, por outro lado, Wamback defende que as mesmas dimensões presentes na proposição de Merleau-Ponty podem ser encontradas na ontologia do primeiro. Os dois autores suplantam a distinção entre o abstrato e o concreto ao relatar o ser para outro nível, que, no caso de Deleuze, é pensado como o virtual: como a carne de Merleau-Ponty, o virtual é caracterizado por uma unidade não idêntica que não pode ser dividido em um dentro e um fora; também como a carne, o virtual se caracteriza por uma abertura fundamental, sendo também a condição das coisas concretas (2018, p. 65).

Por outro lado, a respeito das diferenças entre eles, Wamback sustenta que Deleuze dedicou mais tempo à tarefa de mostrar que unidade e diferença não se opõem, que indeterminação não

7 N.T.: Original: “immanence of the ground that transcends itself in the expression”.

8 N.T.: Termos utilizados no original: “mediating activity”; “familiar with the world”; “it has direct contact”; “in a certain sense shaped by it”.

9 N.T.: Termos utilizados no original: “the singularity of the meeting”; “enigmas”.

10 N.T.: Termos utilizados no original: “confusion of empirical and transcendental features”

11 N.T.: No original: “In sum, for both authors, the creative nature of thought is due to the necessary role of thought in the grounding relation”.

implica indiferenciação e que a natureza constitutiva do virtual não o separa das coisas e conceitos que são condicionados por ele (2018, p. 65). Apesar dessa diferença, ela conclui que, para ambos, o objeto de pensamento – a carne e o virtual – não é uma identidade: “A carne e o virtual estão disfarçados (VI, 150; DR, 133)¹², deslocados com respeito para si próprios” (2018, p. 79)¹³. As duas noções combinam unidade e diferença, agindo como a condição de conceitos e coisas, sejam elas vivas ou não vivas (2018, p. 80). Essas dimensões são responsáveis pelos processos de individuação e cristalização, situados na articulação entre, por um lado, o visível e o atual, e, por outro, a carne virtual e o invisível, atuando na região entre a conservação e a criação.

Apoiada nesta discussão sobre as ontologias dos dois filósofos – em sua proximidade e em sua distância –, Wamback passa a estudar o que ela descreve como seu “projeto transcendental”, procurando situar sua proposta de investigação sobre a natureza do pensamento em um quadro mais amplo:

O que está em jogo, filosoficamente, quando recusam uma explicação representacional do pensamento, e preferem, em vez disso, situar a origem do pensamento não no sujeito pensante, mas no encontro com um signo exterior (Deleuze), ou na participação em um ser selvagem (Merleau-Ponty)? Por que ambos atacam a explicação representacional do pensamento? (2018, p. 85)¹⁴.

Ela defende que eles se aproximam pela afirmação da não exterioridade entre sujeito e objeto, entre quem pensa e o que é pensado – afirmação que, segundo ela, está na base do que os dois reconhecem como sendo filosoficamente “imanência” (2018, p. 85). Wamback defende que a imanência se articula com a ideia de “diferença”, mesmo com toda a distância que separa suas respectivas ontologias.

O projeto transcendental de Deleuze é cuidadosamente apresentado por um confronto com o projeto kantiano e por uma discussão de uma série de pensadores que o influenciaram fortemente, especialmente Spinoza, Maimon, Leibniz e Husserl. O projeto de Merleau-Ponty, por sua vez, apresenta-se por meio de seu confronto com Husserl e, de maneira mais geral, com a fenomenologia, relação caracterizada simultaneamente pela conexão e pela distância. Wamback destaca que, para além de suas idiosincrasias, eles têm uma inspiração comum na crítica a Husserl e sua proposta de um retorno “às coisas elas mesmas”¹⁵:

Uma filosofia transcendental não deve buscar as condições de possibilidade da experiência, mas sim as suas condições de realidade. Tanto para Merleau-Ponty quanto para Deleuze, isso implica que o fundamento transcendental deve ser situado no empírico. O fundo deve ser imanente ao fundamento e, portanto, possuir uma certa historicidade que não pode ser conciliada com a invariabilidade das essências transcendentais. A tarefa da filosofia, então, é definida como a explicação de como o empírico, o fundamentado, pode ser produzido imanentemente. Para ambos os pensadores, a filosofia deve ser uma filosofia da gênese (2018, p. 121)¹⁶.

Há também uma ressonância no que eles rejeitam de Husserl, especialmente sua noção de um sujeito transcendental (2018, p. 122). Segundo Wamback, ambos veem nessa noção um obstáculo a um projeto transcendental consistente, pois o impede de “tornar-se uma ontologia imanente” (2018, p. 123)¹⁷ e enfraquecer sua dimensão diferencial.

Depois dessa perspectiva mais geral, agora é possível retornar ao que Wamback chama de dimensão da “imanência”, presente no respectivo projeto transcendental dos dois autores. Para

12 N.T.: Manteve-se tal como no livro e na resenha original.

13 N.T.: No original: “The flesh and the virtual are disguised (VI, 150; DR, 133), displaced with respect to themselves”.

14 N.T.: No original: “What is at stake, philosophically, when they refuse a representational account of thought, and prefer instead to situate the origin of thinking not in the thinking subject, but in the encounter with an exterior sign (Deleuze), or in the participation in a wild being (Merleau-Ponty)? Why do they both attack the representational account of thought?”.

15 N.T.: Termo original: “to the things themselves”.

16 N.T.: No original: “A transcendental philosophy should look not for the conditions of possibility of experience but for its conditions of reality. For Merleau-Ponty as much as for Deleuze, this implies that the transcendental ground is to be situated in the empirical. The ground must be immanent to the grounded and thus possess a certain historicity that cannot be reconciled with the invariability of transcendent essences. Philosophy’s task, then, is defined as the explanation of how the empirical, the grounded, can be produced immanently. For both thinkers, philosophy is to be a philosophy of genesis”.

17 N.T.: Termo original: “becoming an immanent ontology”.

analisar essa noção, vale a pena focar especialmente em sua dinâmica diferencial – algo que Wamback trabalhou desde o início por meio da relação entre o fundo e o fundado, eixo principal que articula suas análises.

Aqui deve-se citar um elemento central tanto para os dois filósofos quanto para a argumentação de Wamback, a saber, a noção de expressão, justamente como forma de compreender essa articulação entre a condição e o condicionado. Os capítulos seguintes focam, cada um a seu modo, nessa noção, circunscrevendo-a por pontos de vista diversos e correlatos: por sua relação com a noção de simultaneidade, por sua conexão com a expressão literária e, por fim, pela discussão de sua dimensão visual. Em uma palavra: por suas relações com Bergson, Proust e Cézanne.

O primeiro passo é a referência comum a Bergson, circunscrita por Wamback pela noção de simultaneidade. Ela busca entender como o apelo a Bergson ajuda Merleau-Ponty e Deleuze a construir, cada um a seu modo, um projeto transcendental que tenta situar o transcendental no empírico, base para o que ela considera a “filosofia da imanência” que é característico de ambos (2018, p. 125).

Wamback argumenta que a leitura inicial de Bergson por Merleau-Ponty, particularmente na *Phénoménologie de la perception*, é “essencialmente injusta” (2018, p. 132), uma vez que ele acusa Bergson de “não considerar outros tipos de espacialidade para pensar o tempo” (Ibid)¹⁸. Esse diagnóstico seria parcialmente revisado em *Le Visible et l’Invisible*, especialmente por meio da noção de “coincidência parcial” e por meio de sua discussão de profundidade – ambos tópicos que também podem ser encontrados na leitura de Deleuze. Aqui os dois se encontram novamente, já que os dois reconhecem a profundidade não como uma dimensão espacial, mas como uma dimensão temporal, ligada à ideia de simultaneidade – explicitamente como uma recusa de uma noção de sucessão, reconhecendo o presente como uma “contração de o passado” (2018, p. 142). Essa formulação os levaria a consequências semelhantes, especialmente a afirmação de uma impossibilidade de acesso direto ao passado.

Essas ressonâncias entre as referências de Merleau-Ponty e Deleuze a Bergson também revelam ressonâncias no nível mais geral de sua concepção da relação entre o fundo e o fundamento. Ambas apelam à ideia de Bergson de que a passagem do tempo deve ser explicada pela simultaneidade de futuro, presente e passado, porque oferece uma solução possível se o seu objetivo é evitar referir-se, na explicação, a um elemento exterior ou transcendente, ou seja, a noção de simultaneidade de Bergson é um bom exemplo de como se pode manter a relação entre o fundamento e o imanente enraizado (2018, p. 143)¹⁹.

Wamback enfatiza a noção de simultaneidade como elemento central em suas filosofias, uma espécie de “campo” que articula transcendência e imanência. O estudo sobre a expressão – sobre a forma como essa relação se concretiza e se inscreve em seus respectivos projetos transcendentais – continua por meio de uma análise de Proust e Cézanne.

O cuidadoso capítulo dedicado a Proust mostra, por um lado, que tanto Merleau-Ponty como Deleuze encontram no escritor inspiração para compreender um tempo acronológico, original, composto por dimensões e não dividido em momentos sucessivos, configurado em torno de um “centro de envoltura” (2018, p. 163). Por outro lado, Wamback sustenta que suas respectivas leituras divergem na medida em que, além dessa referência direta ao tempo, Proust também contribuiu para as reflexões de Merleau-Ponty sobre o corpo, o que não ocorria com Deleuze.

O capítulo seguinte dá continuidade à discussão sobre a noção de expressão, focando agora em sua dimensão visual e encontrando suporte na presença de Cézanne, também comum aos dois filósofos. Wamback mostra como Merleau-Ponty e Deleuze insistem no caráter não representativo da arte, o que os leva na direção de uma “semelhança nominativa” (2018, p. 170)²⁰. O fio condutor é a compreensão – que os aproxima – do processo de pintura e de sua natureza (2018, p. 178).

18 N.T.: No original: “essentially unfair”; “not considering other kinds of spatiality in order to think time”.

19 N.T.: No original: “These resonances between Merleau-Ponty’s and Deleuze’s references to Bergson also reveals resonances at the most general level of their conception of the relation between the ground and the grounded. Both appeal to Bergson’s idea that the passing of time must be explained through the simultaneity of future, present, and past, because that offers a possible solution if your goal is to avoid referring, in the explanation, to an exterior or transcendent element. In other words, Bergson’s notion of simultaneity is a very good illustration of how one can keep the relation between the ground and the grounded immanent”.

20 N.T.: Termo original: “nonimitative resemblance”.

Finalmente, o sétimo capítulo é dedicado a uma descrição de como Saussure figura na obra de cada autor. Nos capítulos anteriores, lembre-se, Wamback se esforçou para tornar explícita a maneira como eles tentaram “garantir a imanência de seus projetos transcendentais, caracterizando a relação entre o fundamento e o enraizado como de simultaneidade [capítulo 4] e expressão [capítulos 5 e 6]” (2018, p. 189)²¹. Agora, no último capítulo, ela explora outro elemento central desses projetos transcendentais, a saber, a ideia de diferença. Wamback argumenta que, apesar de algumas diferenças, Merleau-Ponty e Deleuze estão interessados nas mesmas ideias de Saussure, especialmente “sua descoberta do poder genético da diferença” (2018, p. 211)²².

Depois de refazer brevemente o caminho de Wamback, agora é possível resumir, em poucas linhas, sua proposta principal. Parece-me que a central – e mais forte – de suas reivindicações é sua proposta de convergência entre os projetos transcendentais de Merleau-Ponty e Deleuze, especialmente pela relação intrínseca entre tais projetos e o campo de imanência. Segundo Wamback, essa imanência é uma articulação original entre a condição e o condicionado, formulada pelos dois autores por meio das noções de simultaneidade e expressão. Essa “filosofia da imanência” está no horizonte, graças à qual um novo sentido do transcendental pode surgir, aproximar os filósofos.

Tal semelhança, entretanto, não apaga suas diferenças. Na verdade, ele ilumina essas diferenças de uma nova perspectiva. É o que permite a Wamback concluir por fim, sem perder de vista as respectivas singularidades, que ainda existe uma “unidade” entre eles, como um novo horizonte que não rejeita a dissonância, colocando-a num novo contexto e propondo-lhe um novo sentido. Como ela havia proposto no início, um dos principais objetivos de seu projeto era reconstituir as relações filosóficas, repensar contextos mais subterrâneos, reconfigurar linhas de influência e de troca em um sentido mais geral.

Trata-se, portanto, de uma proposta bastante original, resultando em um trabalho incomum entre os bolsistas atuais, realizado com admirável cuidado, clareza e coesão.



21 N.T.: No original: “ensure the immanence of their transcendental projects by characterizing the relationship between the ground and the grounded as one of simultaneity [chapter 4] and expression [chapters 5 and 6]”.

22 N.T.: No original: “his discovery of the genetic power of difference”.